

"O mundo de hoje e o Portugal de amanhã"

Porto, 24 de Julho de 1980

De uma certa maneira, ao longo da actividade do V Governo, eu exprimi uma profissionalização de "engenharia social". Alguns cidadãos do nosso país dizem: "Esta senhora porque se interessa pela política, pela diplomacia, pelas relações entre os povos? Ela é engenheira, que se interesse lá pelas "químicas"!". É que essas pessoas não sabem que a engenharia é justamente essa relação entre sistemas diferentes. Os mesmos raciocínios que apliquei para pôr de pé fábricas de indústria química são exactamente os mesmos, do mesmo sistema com que tentei rápida e teoricamente pôr de pé algumas estruturas no V Governo e também nas minhas passagens pelos diferentes Governos Provisórios (que não renego, antes pelo contrário, considero de imensa importância na Revolução Portuguesa).

O tema a abordar hoje é um pouco ambicioso porque é tudo: o mundo de hoje, o Portugal de amanhã! Vou dividir esta minha prelecção em três pontos: O primeiro será sobre o que podemos ver no mundo de hoje enquanto problemas que nós próprios criámos; o segundo trata de alternativas ou caminhos para a solução desses problemas; o terceiro, o que o mundo de hoje diz para o Portugal de amanhã.

Costumo utilizar a expressão de uma grande antropóloga americana que dizia há alguns anos que "todos nós somos migrantes no tempo". Ao referir-me ao mundo de hoje não posso deixar de repetir esta expressão. Todos os que aqui estamos e todos aqueles que encontrei por essas terras fóra, em várias cidades do mundo, viémos para onde nos encontramos com as bagagens de um tempo em que tudo nos era delineado, tudo nos era bem definido, bem conhecido e em que necessariamente sabíamos aquilo que tínhamos a fazer. Sabíamos como nos comportar em relação a cada coisa. Vimos agora, com essas nossas bagagens para um tempo que nos é desconhecido, não apenas em aspectos exteriores (porque há um ou outro ponto de confrontação ao longo do planeta), mas sim porque todo esse planeta está numa enorme convulsão. Essa convulsão não tem nada de apocalíptico, de terrível; tem antes como que um grito latente, decerto, mas também um enorme desafio. E, ao pedir emprestada a essa antropóloga a expressão de "migrante no tempo" vejo que, tal como os nossos emigrantes que de aqui partem para terras que nunca viram e das quais nada conhecem, estamos todos afinal na iminência de partir de um hoje do qual ainda conhecemos as regras, para um amanhã de facto desconhecido e que, saudosistas ou não, nos vai ser radicalmente novo. Por isso podemos dizer que hoje, no mundo, nós somos todos viajantes para uma nova civilização.

Fundação Cuidar o Futuro

É certo que perante essa civilização que ainda está nascendo, temos todos muitas perguntas a fazer, que vão desde a nossa vida pessoal até às questões da técnica, da economia, da política e para as quais temos ainda poucas respostas. Quero acentuar aqui o que diz um sociólogo francês: não se trata apenas de modificações quantitativas - como por exemplo a falta de petróleo - que impõem a ideia dessa enorme mutação social; é sobretudo o reconhecimento de uma transformação profunda dos instrumentos com que a sociedade se gera a si própria, com que a sociedade constrói as suas relações com o ambiente e como ela vive novos conflitos.

Estamos assim perante (e são todas as vozes a dizê-lo) uma civilização que ainda se desconhece e, tal como os emigrantes numa terra nova, nós não lhe conhecemos os costumes. Perguntamos então: vamos imitar os costumes dos que nos antecederam? ou os costumes daqueles que já estão instalados? vamos ser cópias paradas, tiradas a papel químico? fotocópias? Tal como os emigrantes, também não conhecemos a língua: vamos então inventar uma nova linguagem. Que linguagem será essa? Não sabemos quais as ideias correctas nem sequer quais os primordiais valores. Teremos então que descobrir pela prática, pela experiência, pelos erros cometidos? Julgo que não. A situação não é tão "ponto zero" como parece na forma como me estou a exprimir. Enquanto que o mundo de hoje vive o fim de uma civilização, já outros sinais apon-

tam para uma civilização nova. Pensarão alguns que esta situação de transição, de passagem de uma civilização para outra é só apanágio dos países atrasados ou pouco desenvolvidos, pois há outros "que já sabem, já chegaram lá"...

Ora, é bom que tenhamos consciência que não é assim, que isso é um equívoco. É evidente que nos países ricos, em termos estatísticos, o problema não é o da fome nem o do analfabetismo, mas sim, para todos, um problema de sobrevivência a médio prazo. Nós criámos problemas e instituições. Hoje, esses problemas, essas instituições, devoram-nos e tornam-nos a vida difícil. O antigo Chanceler da RFA, Willy Brandt, no relatório para o Banco Mundial, disse há pouco: os problemas criados pelo homem podem também ser resolvidos pelo homem. Essa convicção profunda que devemos adoptar de que os problemas criados pelo homem podem por ele ser resolvidos onde quer que ele esteja e não apenas como decalque das soluções porventura encontradas episodicamente ou temporariamente por outros.

Vou assim enunciar alguns desses problemas:

- 1 - Uma nova reorganização do mundo. Tenho vindo a insistir em algumas das intervenções públicas que tenho feito sobre o facto de estarmos a viver o "fim dos impérios". A modificação primeira que condiciona todas as outras no mundo de hoje é, de facto, a nova geografia. Vivemos afinal num mundo com-

pletamente diferente do mundo que conhecemos quando fomos educados, mesmo que a escola esteja ainda a muito curta distância deste momento presente. Vivemos por isso dolorosamente o fim dos impérios. Não é por acaso que o Mercado Comum está a viver os problemas que tem (por exemplo o fim do império britânico).

Que significa o fim dos impérios como mentalidade?

Hoje, estamos constantemente a ser agredidos, estimulados, por aquilo a que se pode chamar o "homem futuro", através dos meios de comunicação social diversos que nos falam desse homem futuro construído através da ciência de hoje.

Em menos de 30 anos quase triplicou o número de países existentes. Isso é espantoso e significa que todos os equilíbrios ficam comprometidos. Cito ainda o ex-Chanceler Willy Brandt, quando diz: começou uma nova época na História do homem, quando a maioria das nações hoje existentes se tornaram independentes no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Caíram estruturas de poder há muito estabelecidas, dando origem a novos agrupamentos políticos e económicos. Ao mesmo tempo, verificamos a radicalização de velhas estruturas e o fim de falsos complexos de superioridade.

O que nos fica dessa radicalização das estruturas e também do cair, do desabar desses falsos complexos de superioridade?

Fica-nos desse tempo uma certa universalidade, a mentalidade técnica do Ocidente (aqui no seu sentido mais lato: o hemisfério norte) que, por razões várias, se impôs em todos os continentes.

É certo - e entra aqui uma espantosa contradição - falei no fim dos impérios e, afinal, deixamos na História, justamente porque colonizámos, porque introduzimos a técnica da civilização em que estamos, a semente dos neo-imperialismos, da ciência e da técnica como meio de dominação de novos povos, de corrida ao consumo como um certo esquema de vida, de modelos culturais como os tornados possíveis pela industrialização no hemisfério norte. Por isso, quando falamos hoje de neo-imperialismos, temos que vê-los como um termo da civilização que está terminando e não como um fenómeno que agora aparecesse totalmente desligado do resto. Foi justamente a queda dos impérios, a universalidade da mentalidade dominante que pôde gerar aquilo a que podemos chamar o neo-imperialismo. Temos pois uma nova geografia, uma nova realidade planetária muito mais diversificada. Temos pois uma consciência de uma interdependência entre todos os povos.

2 - Encontramos hoje no mundo uma situação de guerra ininterrupta desde o fim da II Guerra Mundial. De facto, as guerras não pararam: a da Coreia, os incidentes da Indochina, a insurreição na Argélia, o terrorismo no Ultramar português, etc.

Tudo aquilo a que se tentou dar outro nome mas que, afinal, foram guerras contínuas. Desde o fim da II Guerra Mundial e até hoje, foram mais de 130 guerras em todo o planeta, envolvendo mais de 80 países. A guerra, de facto, não parou.

Então que há hoje de diferente? Hoje há de facto um ambiente de "preparação de guerra" que decorre de acontecimentos dos últimos dois ou três anos. Não é por acaso que existem barcos de guerra, mísseis, tropas, soviéticas e americanas, em diversas zonas estratégicas do globo. Tudo isso corresponde a um clima que de certa maneira nos faz pensar. Tem todos os ingredientes para a preparação de uma guerra. Sabemos como isso está numa contradição flagrante com o próprio desejo de progresso que todos sentimos. Apenas 0,5% das despesas militares de um ano seriam suficientes para resolver-se o déficit alimentar de todos os países que não conseguem alimentar-se devidamente, até ao ano 1990! Estamos perante uma preparação de guerra, perante o início de uma guerra possível e ao mesmo tempo sabemos que a alternativa se põe entre a guerra e o desenvolvimento. Sabemos também que o número de bombas nucleares existentes é suficiente para destruir completamente a terra em qualquer momento. Sabemos que nós, na Europa, estamos particularmente vulneráveis a essa destruição. Sabemos que uma situação de equilíbrio entre as nações é cada vez mais frágil. Sabemos da existência de um conflito, de uma ruptura, não menos graves, entre os países

Fundação Cuidar o Futuro

menos desenvolvidos, em particular os do continente africano e os países produtores de petróleo que praticamente não contribuem para a resolução do problema do desenvolvimento dos países africanos. O problema de ruptura entre os grandes e os pequenos no seio dos sub-desenvolvidos. E até, o conflito muito possível que hoje acontece na zona da religião muçulmana que hoje toma um poder difícil de compreender na forma quase fanática como está a ser exercido no Irão através de uma casta sacerdotal que não existe na religião muçulmana na sua grande maioria. Existe apenas neste grupo - os "Chiita" - presente na grande maioria do Irão e que também constitui a maioria dos muçulmanos do Iraque mas praticamente inexistente nos restantes países muçulmanos. Diziam-me especialistas do islamismo que perante uma religião onde não existe a casta sacerdotal: "que quererá dizer um poder tão absoluto nas mãos dos ayatollahs e dos mollahs no Irão?" São portanto interrogações que nos ficam para tomarmos bem consciência que há no mundo numerosas linhas de fractura. Não apenas as que existiam na Conferência de Ialta ou no tempo da guerra fria. Entretanto, muitos fenómenos novos se deram no mundo.

3 - O esgotamento dos recursos naturais. Nós explorámos a terra e afinal estamos esgotando aquilo que a terra nos dá, numa atitude de constante domínio sobre a natureza. Como que nos vingamos de não podermos dominar os homens dominando as coisas e a natureza que nos rodeia. Temos assim o esgotamento

das fontes de energia.

Conhecemos até agora, nos últimos 200 anos, a poluição do meio em que vivemos e a destruição de patrimónios naturais públicos de tal maneira que, na UNESCO, temos vindo a elaborar um mapa do património natural de todos os países e que se pode considerar o de toda a humanidade e que, como tal, deve ser salvaguardado, respeitado. Verificamos o extermínio das espécies vivas e a poluição da riqueza animal, vegetal, da terra que habitamos. E é por isso e não apenas por um ideal ecológico romântico, pois contribui afinal para a mutilação do próprio homem, para a mutilação do nosso testemunho, da nossa história que é feita de uma longa conversa com a natureza. História também que é a da nossa própria adaptação ao meio. Não poderemos compreender a história do homem se não o inserirmos na sua comunhão com a natureza. Por isso encontramos em vários países como o não convívio com a natureza provoca realmente doenças. As próprias pessoas já não vivem num ambiente que as torna seres humanos. Falta-lhes basicamente a comunhão profunda com a natureza da qual somos parte e com a qual respiramos e percorremos o ciclo da nossa própria existência.

4 - Através da industrialização nós contribuimos para uma vida cujo tipo nos "massifica", que nos torna como que monotona-mente iguais, que anula muito daquilo que nos tornaria diferentes uns dos outros e faz com que a nossa vida seja, ela

também, uma rotina, raras vezes sincoada por aquilo que lhe pode dar alento, interesse, "chispa" ou qualquer coisa de diferente. Não só nos tornamos instrumentos das máquinas, subordinados àquilo que elas podem ou não fazer, mas também instrumentos uns dos outros. Vivemos todos esta enorme massificação da nossa vida quotidiana e cada vez mais, mesmo quando falamos da vida dos trabalhadores, todos nós trabalhadores manuais ou intelectuais, sabemos a que grau está já essa massificação. Como que temos afinal que corresponder àquilo que as máquinas exigem de nós e como qualquer interrupção significa ou a nossa pura marginalização ou a ruptura completa do sistema em que estamos envolvidos.

5 - A excessiva racionalidade econômica. Parece-me que a actividade económica invadiu, com a sua racionalidade própria todo o pensamento, toda a nossa vida. De tal modo que como que só tem valor aquilo que é traduzido em dinheiro. Não é apenas um caso isolado aqui ou além aquele que se verifica em algumas investigações sociológicas: pessoas, ao comprarem qualquer coisa que pedem aquilo que fôr mais caro. Esse valor atribuído ao dinheiro como se o dinheiro fosse a mola condutora porque necessariamente está ligado profundamente aos vícios da sociedade capitalista e àquilo que ela gerou, não só dentro das sociedades claramente capitalistas, mas também na troca, no diálogo de mercado.

Ao referir esta invasão da economia de mercado, quero referi-la como uma invasão realmente planetária e que vai tão longe, que inclusivamente leva pessoas a dizer, por exemplo, que é preciso pagar às mulheres que têm filhos só pelo facto de os terem! Se até isso vai, ou pode, ser traduzido em termos de dinheiro, então um grande ponto de interrogação se põe a essa racionalidade económica que, afinal, deixa de ter uma finalidade humana para ter unicamente uma finalidade monetária. A economia deixa assim de se dirigir aos objectivos do homem e passa a dirigir-se, focalizar-se unicamente ao instrumento monetário que, em vez de ser instrumento, passa a ser o regulador último da vida social. Essa é uma das grandes tragédias do mundo contemporâneo.

Fundação Cuidar o Futuro

6 - Essa tragédia é alimentada pelo tipo de Estado que fomos criando. A industrialização assim entendida, a racionalidade económica assim vivida, conduzem necessariamente ao tipo de Estado que conhecemos no hemisfério norte e que se propaga ao hemisfério sul: um Estado onipotente, uma imensa burocracia que se torna a única máquina aparentemente capaz de salvaguardar o bem dos cidadãos. E isto de tal forma que 50% das actividades económicas actualmente realizadas no hemisfério norte são socialmente importantes, ou seja, não servem para mais do que alimentar a máquina, para permitir que papéis produzam outros papéis e assim sucessivamente.

Simultaneamente, muitas outras actividades escondidas, que não aparecem nas estatísticas e que são socialmente úteis, não têm muitas vezes um lugar na sociedade. Por exemplo: por um lado, as actividades familiares realizadas a nível doméstico. Por outro, num país como o nosso, o trabalho realizado em meio agrícola, sobretudo por mulheres rurais que ainda, em muitas estatísticas são consideradas como parte da população não activa, simplesmente porque fazem parte de uma estrutura que se não pode traduzir em dinheiro!

Neste contexto, num Estado assim, o poder político não pode deixar de ser experimentado no mundo de hoje senão como uma força que é quase sempre arbitrária. Até em países que nos aparecem como países de longa tradição democrática, vemos afinal que decisões importantíssimas do poder político se encontram nas mãos de um só homem! Vemos que o poder político resulta de um jogo de cúpulas com uma mínima participação dos cidadãos. Vemos ainda que o poder político se baseia, se focaliza muito mais no interesse do poder enquanto tal, enquanto exercício de domínio de uns sobre outros, do que se orienta pelo objectivo do bem de cada homem e da sociedade no seu conjunto. Ou seja, o poder político aparece sem objectivos claros, para além da defesa dos interesses de uns poucos.

Perante este panorama, perguntamo-nos: só existe isto no mundo de hoje? Não; no mundo de hoje existem também ca-

minhos para a solução de problemas. Existem alternativas no mundo de hoje. Vou apontar algumas em contraponto àquilo que disse.

Falei do fim dos impérios e da imensa pulverização dos Estados-Nações no mundo de hoje. Uma nova fisionomia do mundo. Isto quer dizer também uma nova forma de ser nação. Aquilo que conta não é o domínio de uns sobre os outros, não é sequer um tipo de prestígio decorrente de aspectos exteriores, mas sim a identidade cultural da nação, o orgulho de cada um ser o que é, de fazer nascer de novo em cada acontecimento o primeiro dia da nossa história comum, sem andar a pedir esmolas por aqui ou por além, curvando a espinha diante daqueles que são mais poderosos ou mais ricos do que nós. O novo conceito de nação vai dar certamente uma nova consciência planetária. Consciência em que temos bem a noção de que não há nenhum problema igual, de que há uma extraordinária semelhança entre todas as aspirações humanas, que há uma interdependência das soluções e das decisões e de que há já hoje no mundo, em acção, a tentativa de criação de um novo equilíbrio e convivência entre os Estados. Que há uma luta contra os imperialismos de nova fisionomia e que essa luta se faz pela afirmação da verdadeira independência económica e cultural dentro de cada Estado; cada um sendo capaz de se tornar naquilo que verdadeiramente é, respondendo ao seu próprio destino.

Desde já se desenham também evidências que são determinadas, não por "a priori"s ideológicos, mas pela postura que traça problemas concretos mundiais e reais e nunca por acordos prévios. Nesta consciência planetária está o novo conceito de Nação bem como uma nova consciência daquilo que significa o pluralismo regional. Do que significam os pequenos agregados do aparelho produtivo.

Falei de guerra, mas gostaria de acentuar ao mesmo tempo o enorme movimento pela paz que neste momento percorre o mundo inteiro. Movimento contra o espírito bélico que se manifesta em todas as plataformas. Parece-me que hoje não podemos denunciar essa guerra sem ao mesmo tempo fazer esse tremendo apelo à paz. Saber que hoje não só em pontos concretos do mundo, homens e mulheres estão ameaçados na sua própria segurança independentemente da posição política que tomam, mas que todos nós estamos a fazer face a um problema de sobrevivência em termos da possibilidade de paz.

Essa paz constrói-se com atitudes e com técnicas concretas de diálogo, de concertação, de consenso. Nunca com monólogos, com amúos e com birras. Para se poder construir a paz é preciso ser inteligente; é preciso definir áreas de acordo e áreas de divergência. É preciso separar o que é importante do que é secundário. É preciso sublinhar o que une e deixar, de algum modo, de lado aquilo que separa ou resolver de ou-

tra maneira aquilo que lesuna. É preciso ter a coragem de ver os problemas de forma diferente.

Neste nosso movimento para a paz, seria bem importante que todos nós, homens e mulheres do nosso tempo, do nosso país, possamos entender que já está longe o tempo das cruzadas. Os homens e as mulheres de hoje não partem a cavalo para as cruzadas; constroem pontes e, com isso, não têm medo de perder a dignidade nem o respeito dos outros.

Quanto aos recursos naturais, a fórmula que surge por todo o lado em vários cantos do mundo, é a necessidade do controle social sobre os recursos naturais, isto é: os recursos naturais não estão apenas à mercê do oportunismo privado ou do Estado, mas sim da responsabilidade de todos os cidadãos. Todos nós somos responsáveis pela "intendência" dos bens naturais. Em todo o mundo há um movimento que se estende pelas populações quanto ao controle dos seus recursos e por isso também quanto à consciência da sua relação com a natureza: uma nova harmonia entre os homens e as coisas. Seria um bom ponto de reflexão o de sabermos qual a relação existente entre este controle social dos recursos naturais e o controle social dos meios de produção tal como é definido na nossa Constituição. É um ponto importante em que iremos ter que pensar nos próximos anos quando fizermos uma revisão constitucional para que seja cada vez mais conforme com aquilo que somos e desejamos.

Também falei na massificação e, contrariamente ou em sentido dialéctico à massificação, opõe-se hoje no mundo a crescente comunicação da pessoa e das forças espirituais que ^a envolvem, porque só estas a podem tornar indivíduo. Devo dizer que até em países altamente capitalistas surge cada vez com mais força esta necessidade das forças espirituais e do valor da pessoa. É preciso pensar a nossa cultura planetária, não só como resultado da nossa tecnologia, mas também como resultado das grandes forças de contemplação que existem no homem.

Não somos apenas seres adicionais; são também precisos novos sistemas de vida. Parece-me também fundamental a realidade de uma fé plural do homem na história; a convergência entre tudo aquilo que se afirma como diferente mas que afinal tende para uma mesma realidade que está para além de cada um de nós. A capacidade de participação criadora na vida urbana, inventando a cidade. É certo que o homem fez a cidade, mas é hoje sobretudo a cidade que faz o homem. É necessário portanto que de novo o homem re-invente a cidade, construindo-a à escala humana.

É preciso ainda, e contrapondo à economia monetarizada, os novos conceitos de economia; a reflexão sobre os circuitos de produção e distribuição; o trabalho como realização do homem e não em termos de números para as estatísticas; a determinação do que é afinal o sentido da economia da História.

É através disso que encontramos hoje a opôr-se ao Estado burocratizado, a auto-suficiência local e colectiva. Aos serviços desumanizados e centralizados contrapõem-se novas estruturas informais de inter-ajuda. As grandes instituições multinacionais contrapõem-se pequenas instituições, pequenas organizações. As pessoas rejeitam a condição de assistentes de uma grande máquina para serem capazes de criar as instituições que gerem.

Isto conduz também ao mesmo tempo a uma maior economia de serviços, a uma maior independência e autonomia pessoal. Assistimos hoje afinal em vários pontos do mundo à capacidade do homem de tomar nas mãos o seu destino através das condições bem concretas da intervenção na História.

Assistimos ainda - e isso parece-me importantíssimo - à aspiração a um poder político que não seja domínio mas sim liderança inspiradora. As novas gerações do mundo precisam, não só de soluções económicas, mas de novas ideias que as inspirem, de esperanças que as encorajem e sobretudo, de factos concretos ainda que modestos, capazes de lhes mostrarem que essas esperanças têm uma tradução institucional possível. É possível, viável, tornar o poder político numa liderança, ou seja, um caminhar em conjunto para alguma coisa que os reúna todos e que os dinamize.

Perante a corrente que atravessa o mundo e perante a dupla corrente que é já premente de uma nova civilização, o que é o Portugal de amanhã?

Portugal tem de facto que fazer uma escolha: ou tenta reviver o passado e se mantém como uma espécie de museu etnológico do que foi a civilização que está a terminar, acentuando todos os traços que aqui esbocei, ou escolhe uma nova via.

Se fôr por essa primeira via, ele será aquilo que um jornalista inglês escreveu num artigo de 28 páginas há algumas semanas sobre Portugal, ao mesmo tempo que elogiava o nosso estado de coisas actual: " Portugal é a última colónia de África na Europa". Escolher continuar na civilização antiga é escolher que digam isto de nós, mesmo que digam que todos podem vir para cá investir o que quizerem, quando e como quizerem.

Temos também outro caminho: entrar claramente na contra-corrente que percorre o mundo contemporâneo e fazer curto-circuito de muitos dos caminhos já percorridos por outros, indo encontrar a nossa própria evolução, os grandes movimentos sociais, culturais e políticos que anunciam já outra civilização. Não precisamos de andar a percorrer caminhos que outros percorreram em 30 ou 40 anos!

Ao dizer isto, não estou de modo nenhum a dizer qualquer coisa de utópico. Esta via de curto-circuito, de entrar na alvorrada dessa nova civilização, é uma solução que infelizmente está longe de uma grande parte dos políticos de profissão sem cultura planetária, sem cultura moderna, como está igualmente longe dos jovens tecnocratas ávidos em substituírem a velha burguesia!

É este o grande paradoxo que Portugal tem que resolver amanhã; é realizar tarefas que parecem pertencer ao período da industrialização porque temos que responder a muitas necessidades fundamentais que estão longe de resolvidas e, simultaneamente, criar mais riqueza. Por outro lado, temos que reconhecer que as grandes questões não são já unicamente as da industrialização e temos que focar a análise e as decisões sobre o reconhecimento de quais são os verdadeiros conflitos e as questões vitais da sociedade em que vivemos e quem são os verdadeiros parceiros, os verdadeiros actores sociais desses conflitos e dessas questões.

A grande interrogação que se põe ao Portugal de amanhã é a de saber se tem em si, se temos em nós suficiente confiança (valor moral) e suficiente lucidez (valor intelectual) para projectarmos um futuro não de sonhos, mas de perspectivas concretas e reais.

Vou apenas enunciar algumas linhas orientadoras desse Portugal de amanhã, que nascem dos factos que apontei, das contradições da corrente e e contra-corrente presentes no mundo de hoje. É numa análise ponderada e fria que me baseio, é de factos que falo, mas é ao mesmo tempo também do respeito pela integridade de cada homem e pela solidariedade entre todos os homens que desejo ver efectivada.

Em primeiro lugar, somos um país que tem uma identidade cultural própria; ela manifesta-se sempre no concerto das nações. Tomamos sem gravatas nem subserviências o nosso próprio lugar no reforço de todas as formas autênticas da nossa realidade e é fundamental que assim seja porque só quem é alguma coisa se pode relacionar com os outros.

Fundação Cuidar o Futuro

Temos condições para vivermos numa consciência planetária activa, isto é, para formularmos os nossos problemas em conjunto com os povos de todo o mundo e com a dimensão e complexidade que os problemas de facto têm. Temos um quadro constitucional que nos permite fazer a verdadeira regionalização do país. E não se trata aqui daquilo a que se chamou antigamente região (regiões do Plano), mas da organização dos espaços e de forças sociais capazes de serem agentes de dinamização de cada zona bem diferenciada de nosso país. Não basta dizer "é preciso descentralizar"; o que é importante é

dar força às realidades locais e regionais quando aparecem como um todo orgânico e coeso.

Em segundo lugar, Portugal não pode emergir de um período difícil e trágico da guerra colonial que nos marcou durante quase 14 anos, para se tornar hoje um paladino de outras causas e um acólito de outras guerras possíveis. É necessário um extraordinário equilíbrio para fazer face por um lado ao conflito N-S e, por outro, ao conflito E-O. Mas é possível e alguns dirigentes políticos europeus têm-no demonstrado.

Portugal não se pode impôr através de acções sensacionalistas. Somos um país pobre e pequeno mas a ética do nosso relacionamento com os outros, com cada um dos outros; a diversificação completa das nossas relações internacionais como a Constituição indica, é o único, mas poderosíssimo valor de troca que podemos levar à cena internacional. Somos um país membro da NATO, mas simultaneamente somos o seu único membro a ter relações muito especiais com um país do Tratado de Varsóvia - a Roménia. É certo que somos um país alinhado, mas, de novo com a Roménia e agora também com a Suécia, os países que têm sido perseverantemente observadores do bloco dos "não-alinhados". É certo que somos europeus, mas conscientes dos laços privilegiados e únicos que mantemos com os outros continentes.

mas o relacionamento de Portugal com os outros países, para ser artífice de paz, não pode apenas decorrer da defesa dos interesses nacionais. Num entendimento planetário como o de hoje, o relacionamento de Portugal com o resto do mundo é sobretudo o resultado da postura consciente assumida face às grandes questões que hoje se põem à comunidade das nações. Não quero deixar de referir nesta ocasião, que ao longo destes últimos anos, temos tido no Presidente, General Ramalho Eanes, a garantia da nossa independência.

Não tem sentido sermos realistas se os recursos naturais forem subordinados aos processos que decorrem da utilização de grandes potenciais energéticos que nós não possuímos. Para o controlo social dos recursos naturais, tem como sua expressão exemplar a decisão relativa às centrais nucleares e às consequências do seu funcionamento. É ao povo no seu conjunto que cabe a decisão. Os recursos naturais de Portugal determinam um certo tipo de país, uma certa maneira de viver, uma forma de equilíbrio entre o homem e a maneira como vive. Porque não aproveitar aqui soluções como as que existem e encontroi em países altamente industrializados? É possível hoje provar que só com meios naturais é possível garantir a alimentação do mundo inteiro. Simplesmente, para isso é preciso ter a coragem de focalizar a investigação onde ela é verdadeiramente necessária. Apenas com uma diferença: isso é pos-

sível, mais barato, mas não dá a meia dúzia de indivíduos o prestígio dos "senhores doutores" que são uns génios onde aparecem.

O país não pode viver da expectativa, do comentário, da interpretação dos mais pequenos gestos, das mais simples palavras dos dirigentes políticos. Se falei há pouco no valor da pessoa por um lado, na contra-corrente, no valor da pessoa e nos valores espirituais por outro, gostaria de acentuar tal como o tenho feito muitas vezes, que os homens e as mulheres deste país são a sua melhor riqueza e que é através de cada um de nós que se pode criar algo de novo. Somos nós, cidadãos, que temos todos os tipos de trabalho, que podemos prometer algo, que podemos fazer uma promessa mútua.

Fundação Cuidar o Futuro

Não podemos ter um país em que estivéssemos já em pensão antecipada. O salário não é uma pensão de segurança. É puramente uma gratificação monetária mas, antes de mais, o salário deve ser a gratificação afectiva do gosto por aquilo que fazemos. É preciso que a partir da base, todos tentemos descobrir que tipo de trabalho podemos fazer. Esse trabalho que nos gratifique afectivamente, através do qual nos possamos sentir verdadeiramente satisfeitos e que também nos possa gratificar monetariamente. Isto porque não podemos demitir-nos da nossa realização humana. Lutar por isso com o mesmo afincamento que pelo dinheiro, por uma vida mais interessante,

mais satisfeita, mais feliz e mais capaz também de nos interessar pelos outros.

Queria ainda referir no Portugal de amanhã a condição da economia. Não se trata de compromissos, mas sim de uma realidade nova. A política económica tem que ser enquadrada num Plano quanto às suas grandes linhas.

Na sua relação com as outras políticas, a política económica encontra-se ao serviço das necessidades básicas. Algumas são, elas também, de natureza de bens económicos, como por exemplo, os produtos agro-alimentares. Como disse há pouco, a grande questão que se põe neste domínio da criação de riqueza é a da descoberta da reconversão produtiva do nosso país. Importa a estruturação dos sectores produtivos que são já em si distributivos, isto é, que se orientam já em si para a satisfação daquilo que é essencial para a grande massa dos cidadãos e não para a satisfação de meia dúzia de privilegiados no seu superfluo completamente desnecessário.

No contexto do Plano, necessitamos então de programas de Governo e seus respectivos orçamentos - porque não são desligáveis um do outro - como concretizações para um tempo dado, de um plano mais amplo e a médio prazo. Essas duas realidades não se podem separar: o programa do Governo e o Orçamento, a não ser por razões estruturais ou - quem sabe? - por ou-

tros motivos. O programa e o orçamento têm que transuzir a primazia do desenvolvimento que é uma realidade global, ao mesmo tempo económica, material e espiritual, sobre o crescimento, entendido só como atribuição de verbas e correlação monetário-financeira.

Para que tudo isto tenha consistência, é necessária a autonomia e auto-suficiência global e colectiva. Em Portugal, parece-me fundamental que o aparelho de Estado seja transformado de modo a que aqueles que o fazem funcionar saibam que realizam uma tarefa socialmente útil, de modo a que possa permitir por seu turno, a reconversão da moral das actividades.

Fundação Cuidar o Futuro

Por seu lado, também o Parlamento tem que deixar de ser aquele lugar fechado, com algumas trocas de palavras sem relação com os eleitores e, ao contrário do que muitas vezes se verifica, tem que contribuir para minimizar o papel das super-estruturas, tornando-se o lugar em que os interesses dos eleitores sejam devidamente canalizados e em que novos mecanismos de inter-acção com o eleitorado tornem possível a participação dos portugueses nas decisões que mais afectam o seu presente e o seu futuro e não necessariamente em conversas que praticamente nada têm a ver com a vida de cada-um de nós.

Os governos têm que ser capazes de se esvaziarem do seu poder democrático, centralizador, mítico e sacral em favor de um poder local e regional, favorecendo, como manda explicitamente a Constituição, a organização

O poder político em Portugal capaz de dar corpo a uma perspectiva deste tipo não pode ser um mero poder de gestor, com a ideia de que a gestão das coisas é neutra; nem tão pouco um poder mítico. Há uma diferença radical entre o poder político tradicional e a verdadeira liderança política. Esta, é uma energia, um conceito muito mais rico, transmissor de revitalização, tanto para o que exerce o poder, como para aquele que o recebe. É uma energia que ao mesmo tempo se expõe e se gasta, mas que cria nova energia nos outros e transforma a sociedade por dentro.

Fundação Cuidar o Futuro

Se o que digo se baseia na interpretação do que se passa no mundo de hoje, não é de idealismo "desincarnado" que se trata; é antes de realismo, um realismo colado aos factos tais como são. E pergunto: onde está mais realismo, em quem agarra só aquilo que já existiu e está para morrer, ou nos que agarram num mundo que está para nascer?